

Particularidades Econômicas do Crack: o Mercado do Crack

Taciana Santos de Souza

Mestre e Doutoranda em Economia Social e do Trabalho pela UNICAMP. Bolsista do CNPq – Brasil

Cássio da Silva Calvete

Doutor em Economia Social e do Trabalho pela UNICAMP e professor adjunto da UFRGS

Resumo

Perante a preocupante expansão do consumo de crack no Brasil, faz-se necessário conhecer melhor como ocorre o funcionamento do mercado de crack no país, isto é, conhecer a origem da mercadoria e como ocorre a sua produção, a oferta e a demanda. Também analisar, conforme a disponibilidade de dados, as particularidades da oferta e da demanda do psicoativo.

palavras-chave: *Crack*; economia da droga, mercado de *crack*, drogas, historia do crack

Introdução

O *crack* é uma droga semissintética³², estimulante e altamente tóxica, que é fumada tipicamente em cachimbos artesanais e apresenta-se na forma de pequenas pedras de coloração clara, quase branca (BARLETTA, 2009). A palavra *crack* é uma formação onomatopéica, derivada do som dos estalos emitidos durante a queima da pedra³³. Diversos estudos científicos atribuem à droga o alto grau de dependência que ela ocasiona a curto prazo e apontam consequências danosas à saúde dos usuários. O vício pela pedra não se “pega” nem se constitui de uma doença contagiosa, ainda que o termo “epidemia” seja empregado ao se referir à rápida expansão desse mercado consumidor. Além das características físicas e químicas desse psicoativo, diversos determinantes econômicos são atribuídos à rápida popularização da droga, como o preço baixo, a intensa oferta e o alto “custo-benefício” comparado a outras drogas.

³²O Ministério da Saúde, considerando as etapas de produção, classifica as drogas em três grupos principais: naturais, semissintéticas e sintéticas. O primeiro grupo, cuja maconha, ópio e tabaco participam, não passa por transformações químicas e é obtido exclusivamente na natureza, passando, no máximo, por etapas de extração ou de purificação. O segundo reúne drogas como o cigarro, a heroína ou o álcool, que resultam da transformação química de substâncias naturais, podendo ser produzido em laboratórios ou em indústrias. O último grupo caracteriza-se exclusivamente pela produção laboratorial, como é o caso do LSD, do ecstasy, das anfetaminas e dos outros fármacos legalizados. (BARLETTA, 2009)

³³ O termo “pedra”, quando usado neste trabalho, estará se referindo ao *crack*.

Com o propósito de comprovar ou de desmistificar essas ideias pré-concebidas, este artigo analisará o mercado de *crack*, enfatizando as particularidades econômicas da droga. Todavia, serão desconsiderados os aspectos psíquicos e biológicos oriundos ao consumo da pedra, assim como as consequências ao organismo desses dependentes químicos. Embora esses sejam aspectos relevantes, serão tratadas, exclusivamente, as características sociais e econômicas relacionadas a este psicotrópico – salvo os aspectos da saúde mental do indivíduo, que poderão resultar em custos sociais.

Assim, o estudo começa discorrendo sobre o cenário socioeconômico atribuído à criação da droga nos Estados Unidos e à inserção dela no mercado brasileiro. A segunda seção abordará as principais características econômicas da produção e da oferta deste psicoativo, como os processos de produção, os custos, as barreiras à entrada no comércio, a relação da droga com os bens substitutos e complementares e a comercialização/tráfico da mesma. Por último, na seção 3 será analisado o consumo e a demanda da “pedra”, caracterizando o perfil do usuário, a relação “custo-benefício” da droga e a elasticidade-preço do consumo.

1. O *CRACK* – A ORIGEM DA MERCADORIA

O primeiro documento escrito de que se tem conhecimento sobre o *crack*, é de 1985, referente a uma notícia do jornal *New York Times* (JACOBS, 1999). Não se pode afirmar com exatidão uma data específica, mas sabe-se que a droga surgiu nos Estados Unidos, na década de 1980, para atender às demandas das zonas suburbanas, cujos moradores não possuíam renda suficiente para consumir drogas mais elitizadas (ESCOHOTADO, 1996; DOMANICO, 2006). A cocaína não se popularizou como o ópio, devido ao elevado preço de venda. Da plantação da folha à transformação em cloridrato de cocaína, etapas complexas constituem a cadeia produtiva da droga, o que implica em altos custos de produção.

Outro fator importante – se não for o principal – que resultou na criação do *crack*, foram as políticas de repressão orientadas pelo DEA³⁴ e, em seguida, pelas Nações Unidas, de proibição de determinados solventes usados na elaboração de drogas ilícitas, entre as quais estavam incluídos a acetona e o éter. Esses solventes

³⁴ Drug Enforcement Administration, integrante do Departamento de Justiça dos Estados Unidos.



são os principais compostos para a transformação da pasta-base de coca em cocaína. A dificuldade na obtenção dessas substâncias acarretou na escassez da droga e, conseqüentemente, na alta dos preços, o que indica que o *crack* foi o infeliz resultado de uma política proibicionista (ESCOHOTADO, 1996).

Nos países produtores de coca, nem sempre a cocaína era exportada em pó, devido aos altos custos de transformação e à (quase) inexistência de laboratórios químicos que permitiam a transformação da pasta em cloridrato de cocaína (ESCOHOTADO, 1996). Além disso, o transporte desta droga requeria determinados cuidados. Se houvesse o contato com água, por exemplo, a substância não mais serviria para o uso por via nasal. Portanto, era necessário obter uma forma de reaproveitar essa droga inutilizada para a aspiração, evitando, assim, o desperdício. A cocaína dissolvida em água poderia ser injetada ou fumada³⁵ (DOMANICO, 2006). O uso pelo fumo era preferido ao uso injetável, tendo em vista os riscos de contaminação de doenças como a AIDs ou a hepatite – conseqüentes do compartilhamento de seringas; assim como o aumento da probabilidade de sofrer uma overdose, pois esse método dificulta o controle e a administração das dosagens pelo usuário, já que atinge diretamente a corrente sanguínea (KOPP, 1998; DOMANICO, 2006). Além disso, a forma fumada produzia um vapor de cocaína pura que potencializava o efeito no cérebro. Entretanto, exigia um complexo processo de elaboração e de transformação, que não era traficado, sendo produzido apenas pelo próprio consumidor (ESCOHOTADO, 1996; DOMANICO, 2006).

Por outro lado, o *crack* era produzido em laboratórios caseiros, de forma simples, não requerendo a adição de substâncias controladas no mercado. O principal componente para transformar a pasta-base em “pedra” é o bicarbonato de sódio – uma substância simples, com baixo custo, que se pode adquirir em qualquer farmácia³⁶ (ESCOHOTADO, 1996; DOMANICO, 2006). Isso facilitou a entrada da droga no mercado negro, que, logo, se popularizou. Segundo Escotado, “Se a cocaína representa o luxo dos triunfadores, a pasta-base e o *crack* serão o luxo dos miseráveis, como corresponde a um substituto mais potente

³⁵ A cocaína fumada é conhecida como “*freebasing*”.

³⁶ O bicarbonato de sódio é utilizado comumente para tratamento estomacal.

e dez ou doze vezes mais barato que o seu original.” (1996, p. 181, tradução nossa³⁷).

A disseminação do consumo da, então, nova droga implicou consequências negativas aos dependentes químicos. Isso pode ser notado ao comparar o número de óbitos resultantes de intoxicações agudas nos Estados Unidos. Ao longo do ano de 1976, houve apenas uma morte correlata ao uso de cocaína. Dez anos depois, foram registradas 600 mortes, por infecção aguda, ainda no primeiro semestre (ESCOHOTADO, 2002).

Ao longo do mandato do Presidente Reagan (1981-1989), o cenário socioeconômico naquele país se caracterizou pelo alto índice de desemprego na população negra, pelo aumento da massa carcerária e pela baixa renda das camadas mais pobres da sociedade, que recebiam o menor salário mínimo real dos últimos 30 anos (ESCOHOTADO, 1996). Algumas famílias encontravam, no comércio de narcóticos, uma fonte de recursos financeiros. Assim, muitas crianças e adolescentes não consumiam psicotrópicos, mas vendiam para contribuir com as finanças familiares. Em cidades grandes, algumas crianças ajudavam os traficantes, passando-lhes informações sobre os perigos de algumas regiões. Muitos desses jovens tinham 9 ou 10 anos e poderiam receber, diariamente, até 100 dólares (ESCOHOTADO, 2002).

Pode-se concluir, portanto, que o *crack* resultou de uma política de repressão ao consumo de cocaína e que o comércio desse psicoativo se expandiu ao lado da pobreza e da falta de oportunidades nas zonas mais desfavorecidas economicamente ou “esquecidas” socialmente.

No Brasil, a droga também entrou no mercado, na mesma década em que foi criada nos Estados Unidos. Em 1989, foi datada a primeira ocorrência de consumo da droga, que só teve a primeira apreensão policial em 1991 (NAPPO; OLIVEIRA, 2008; NAPPO; SANCHEZ, 2002). É provável que os primeiros usuários brasileiros fizessem a produção caseira, que não formava ainda pedras da droga, apenas

³⁷ No original: “Si la cocaína representa el lujo de los triunfadores, la pasta base y el crack serán el lujo de los miserables, como corresponde a un sucedáneo más potente y diez o doce veces más barato que su original.”



“cascas”. No entanto, as técnicas de venda dos traficantes contribuíram consideravelmente para a expansão do mercado da “pedra”.

Durante essas duas décadas de existência do *crack*, o consumo brasileiro foi crescente, mas se intensificou, realmente, a partir de 2008. Ao longo desse período, não foram constatadas alterações nos preços (NAPPO; OLIVEIRA, 2008), podendo-se afirmar que o produto não acompanhou a inflação, reduzindo, portanto, o preço real de venda da pedra. Da estabilidade dos preços, também se pode induzir à ideia de que a composição e a qualidade da droga tenham decaído ou sofrido alterações nos níveis de pureza ou nos componentes de produção. Essas peculiaridades decorrentes do mercado da droga serão analisadas, sob o ponto de vista da oferta, a seguir.

2. A PRODUÇÃO E A OFERTA DE *CRACK*

As expectativas relacionadas ao *crack* induziram os traficantes à forçada inserção da pedra no comércio ilegal. Em São Paulo, a estratégia adotada para incluir este novo produto ilícito no mercado apoiou-se na redução da oferta de outros psicotrópicos nas “bocas”³⁸, o que implicou a escassez de opções e, conseqüentemente, a experimentação do *crack* pelos dependentes químicos (CEBRID, 2002; NAPPO; OLIVEIRA, 2008; NAPPO; SANCHEZ, 2002).

Como os agentes do narcotráfico detêm o poder da distribuição da quantidade de bens ofertados e da determinação da variedade desses bens, pode-se afirmar que influenciam fortemente na decisão do consumidor. Ainda que o dependente químico tenha preferências pessoais e assuma a decisão final da própria escolha, os estudos que relacionam a sequência de drogas consumidas antes da experimentação do *crack* apontam que esses fatores exógenos são determinantes à escolha do consumidor (NAPPO; SANCHEZ, 2002). Portanto, a análise das tendências do mercado torna imprescindível na orientação das políticas públicas sobre drogas.

Conforme retrata uma pesquisa realizada em 2002, com usuários e ex-usuários de *crack*, as quantidades e os tipos de psicoativos que antecederam a

³⁸ Os pontos de distribuição e de venda do *crack* são conhecidos como “bocas”, “tráfico de asfalto”, “biqueiras” ou “bocadas”.

“pedra” variaram conforme a época. O grupo de usuários e ex-usuários mais maduro (na faixa dos 30 anos de idade) caracterizou-se por um histórico de maior disponibilidade de diferentes drogas e pelo uso maior de uma determinada droga conforme a época, o que enfatiza a determinação da oferta na preferência do consumidor. No caso dos dependentes químicos mais jovens, a sequência de drogas usadas até o primeiro “pega” de *crack*, caracterizou-se por uma semelhança de psicotrópicos entre os grupos, assim como pela redução da variedade de opções que o grupo mais antigo teve para consumir. Ainda que o grupo mais maduro tivesse mais opções de drogas a consumir, pôde-se identificar uma semelhança entre os dois grupos, cujo consumo de álcool, de tabaco, de solventes e de maconha foram ressaltados (NAPPO; SANCHEZ, 2002).

De modo geral, a percepção da oferta de drogas aumentou no Brasil todo no início do século XXI. Conforme o I e II Levantamento Domiciliar, realizado nas maiores cidades do país – com mais de 200 mil habitantes, organizado pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – Cebrid, a proporção dos entrevistados que consideram muito fácil comprar drogas, se assim desejassem, cresceu do ano 2001 para 2005. A Tabela 1 **Tabela** consolida os resultados dessa pesquisa.

Tabela 1 - Percepção quanto à facilidade de se obter drogas específicas, caso desejassem, no Brasil – 2001-2005

Percepção de oferta de drogas específicas	2001 (%)	2005 (%)	Var. p.p.
LSD-25.....	21,6	31,4	9,8
Heroína.....	21,1	29,6	8,5
<i>Crack</i>	36,1	43,9	7,8
Cocaína.....	45,8	51,1	5,3
Maconha.....	60,9	65,1	4,2
Solventes.....	68,3	67,9	-0,4
Benzodiazepínicos.....	40,6	39,4	-1,2

Fonte: Cebrid (2002; 2006). Elaboração própria.

Durante o ano de 2001, o *crack* foi considerado como uma droga muito fácil de ser comprada por 36,1% da amostra do Levantamento, ocupando a 5ª posição quando comparado a outras drogas. Indicando uma expansão da oferta³⁹, em 2005, 43,9% dos entrevistados julgou essa facilidade na aquisição da “pedra”, aumentando em 7,8 p.p.⁴⁰ essa percepção entre o intervalo de 4 anos. O psicotrópico apresentou uma expansão do mercado mais rápida que a cocaína – que teve uma variação positiva de 5,3 p.p. no mesmo período –, mas ainda era considerada uma droga mais fácil de ser comprada. Outro indicador importante foi a redução da percepção quanto a facilidade de se adquirir solventes, ainda que esse decréscimo seja pequeno (-0,4 p.p.), comparado a representatividade da amostra⁴¹, que passou de 68,3% em 2001, para 67,9% em 2005.

Por mais altos e representativos que sejam os indicadores de oferta conquanto à facilidade de obter-se droga, a comercialização mantém os parâmetros de descrição, comuns no mundo da ilegalidade, assim como não se sustenta na abordagem direta aos usuários de psicotrópicos. Isso é indicado na tabela 2, que questiona a percepção quanto à oferta de drogas na vizinhança, nos últimos 30 dias.

Tabela 2 - Percepção, referente aos últimos 30 dias, das pessoas entrevistadas quanto à oferta de drogas na vizinhança, no Brasil- 2001-2005

Percepção de oferta de drogas	Brasil		
	2001 (%)	2005 (%)	Δ 2005 - 2001 (p.p.)
Pessoas que viram alguém vendendo drogas	15,3	18,5	3,2
Pessoas que foram procuradas por alguém que queria lhe vender drogas	4,0	5,2	1,2

Fonte: Cebrid (2002; 2006). Elaboração própria.

³⁹ Na economia, a “oferta” de um bem está relacionada à quantidade produzida e a disponibilidade do produto no mercado. No caso das drogas ilícitas, não se pode estipular a quantidade de drogas ofertada nas bocas-de-fumo. Usa-se, portanto, a percepção dos entrevistados quanto à facilidade de adquirir determinada droga, se assim desejassem, como um indicador de oferta.

⁴⁰ Pontos percentuais.

⁴¹ Amostra: 8.589 entrevistados, em 2001; 7.939 entrevistados, em 2005.

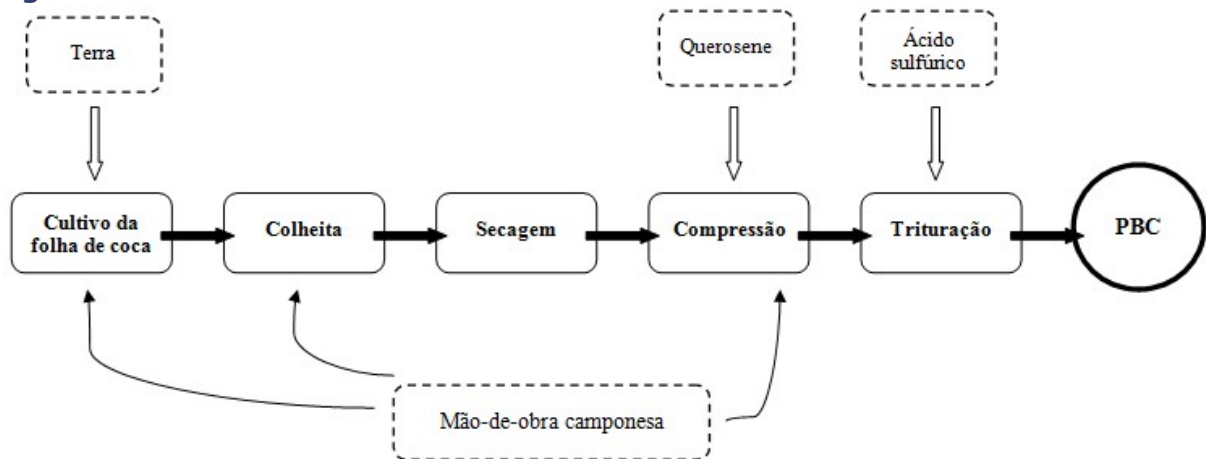
Analisando os dados da Tabela 2, pode-se perceber uma “baixa” percepção, embora crescente (aumento de 3,2 p.p. entre as duas datas), no que se referem às pessoas que notaram traficantes em negociação, próximos ao local de residência. No Brasil, 15,3% da amostra relatou essa incidência em 2001, e 18,5%, em 2005.

Quanto a essas pesquisas, a análise “[...] temporal dos levantamentos indica que a restrição do acesso à determinada droga pode diminuir seu consumo, porém desencadeia um processo, praticamente imediato, de substituição por outras drogas mais disponíveis.” (NOTO et al., 2003, p. 61). Assim, antes de compreender esse processo de substituição, faz-se necessário compreender as particularidades da produção do *crack*, com o propósito de identificar a cadeia produtiva e as potencialidades e as fraquezas desse comércio ilícito.

2.1 As Etapas e os Custos de Produção e as Barreiras à Entrada no Mercado

Considerando a pasta-base de coca (PBC) o principal insumo do *crack*, entende-se que ele seja um produto derivado do PBC ou, ainda, um subproduto da cocaína. Para melhor compreensão das etapas de produção, a Figura 1 ilustra a cadeia produtiva da pasta base de cocaína.

Figura 1 - Cadeia Produtiva da Pasta Base de Cocaína



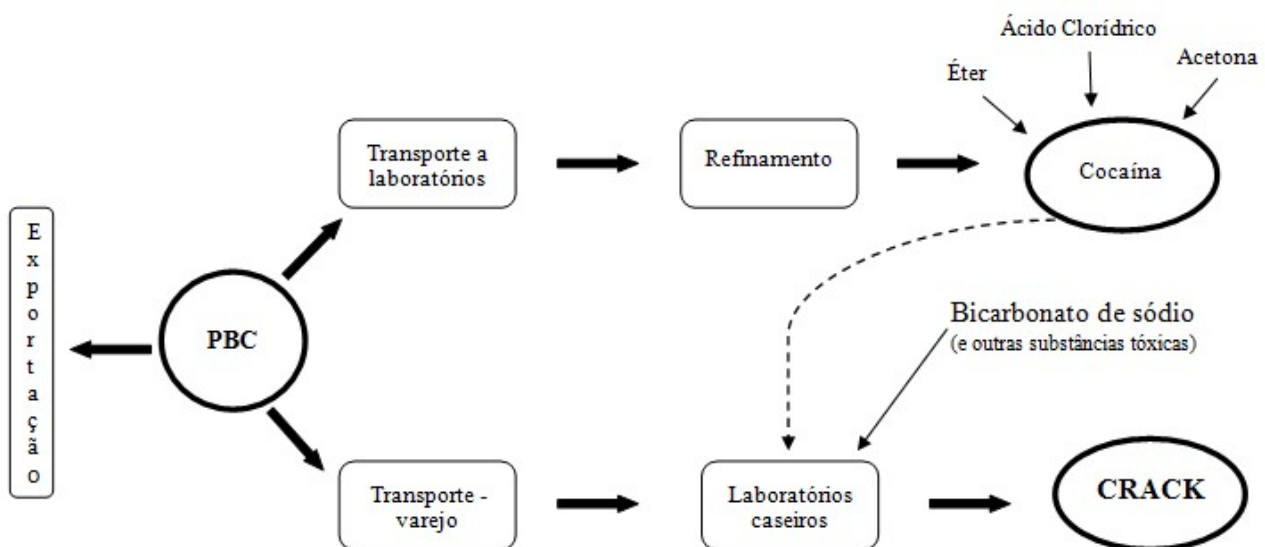
Fonte: Elaboração própria.

O insumo básico da cadeia produtiva do “pó” são as folhas da planta de coca. A partir do cultivo, ocorre a colheita e, então, o armazenamento para a secagem dessas folhas. Após essa etapa, adiciona-se querosene às plantas recolhidas e secas, para serem esmagadas pelos camponeses andinos, que o fazem de modo rudimentar, sem uso de máquinas, utilizando os próprios pés descalços,

nesse processo de compressão. Do resultado dessa mistura, passa-se para a próxima etapa, pela qual é acrescentado ácido sulfúrico e, por fim, é triturada a composição. O resultado é chamado de “Pasta Base de Coca” – PBC. A pasta simboliza o produto final desta cadeia, podendo já ser comercializada ou exportada (LEITE; ANDRADE, 1999; ESCOHOTADO, 2002; NAPPO, SANCHEZ, 2002; DOMANICO, 2006).

Do resultado final da cadeia produtiva da pasta-base, pode-se designar a mercadoria à exportação ou à iniciação de duas novas cadeias, a do “pó” e a da “pedra”. Para se chegar à cocaína de fato, o PBC, insumo inicial, é transportado por traficantes, até os países que sediam os locais para o refinamento, onde ocorrerá o processo de purificação. Nessa etapa, são utilizados insumos como ácido clorídrico, acetona e éter. Essa transformação da base em “pó” exige laboratórios químicos⁴² avançados tecnologicamente. A Figura 2 representa essas etapas pelo desenho da cadeia produtiva.

Figura 2 - Cadeia Produtiva da Cocaína e do Crack



Fonte: Elaboração própria.

Na cadeia produtiva do *crack*, o insumo inicial – outra finalidade do PBC – é adquirido por grupos traficantes menores em pontos de varejo de drogas. A pasta, acrescida de bicarbonato de sódio e de outros componentes tóxicos, é

⁴² Assim como o Paraguai e o Chile, o Brasil possui laboratórios de refinamento de cocaína, o que proporciona o aumento do fluxo de PBC no país (ESCOHOTADO, 2002).



transformada na “pedra”, em pequenos laboratórios, situados, quase sempre, nas casas ou nos apartamentos dos próprios produtores de *crack* (GONZATTO, 2009; GAVA, 2010). O cloridrato de cocaína também pode ser usado como insumo na fabricação da “pedra”, apesar de não ser vantajoso financeiramente.

Quanto aos custos de produção e à rentabilidade dos insumos, acredita-se que a produção do *crack* seja mais vantajosa que a da cocaína. Para se obter 1 quilo de cocaína, são necessários de 3 a 5 quilos de PBC – dependendo do “cozinheiro”, é usada uma quantidade maior ainda de pasta (ESCOHOTADO, 2002). O preço de 1 grama de “pó” custava entre 15 a 25 reais em 2011 (informação verbal)⁴³. Já o preço da “pedra” custa, em média, 5 reais (OXI, 2011; TORRES, 2011).

A organização do comércio de psicotrópicos é caracterizada pelo oligopólio, cuja força bruta e armada é o fator determinante à “conquista” das bocas. Esses locais não são vendidos ou negociados, sendo simplesmente tomados por traficantes concorrentes ou defendidos pelos “donos” do negócio. No entanto, o mercado de *crack* apresenta peculiaridades distintas. Não há grandes barreiras à entrada no comércio e na produção, tendo em vista a facilidade da produção da pedra. Assim, os pontos de venda são descentralizados e podem facilmente ser multiplicados, para atender as demandas do produto (AMORIM, 2010a; GAVA, 2010; DUPLA, 2011; MARTINS, 2011).

Desse modo, o traficante de *crack* diferencia-se do vendedor das demais drogas pela fraqueza que apresenta. Isso é claramente percebido pela facilidade com que são presos os narcotraficantes de “pedra”, que não mantêm um “exército” de defesa como as grandes facções traficantes de outras drogas. Ao comparar, por exemplo, as notícias de combate ao tráfico do Rio de Janeiro e de Porto Alegre até a primeira década do Século XXI; percebe-se que, no primeiro, eram presos grandes grupos armados, com grandes quantidades de drogas (principalmente, maconha e cocaína) e com milhares de notas de dólares (AZEVEDO, 2010; MÜZELL, 2010a; MÜZELL, 2010b). Ao contrário, no segundo, eram apreendidas pedras de *crack*, um ou outro revólver (ou qualquer tipo de arma simples) e pouco dinheiro, que

⁴³ Informação obtida pelo delegado Marcus Viafore, diretor do Departamento de Investigações Criminais, do DENARC – RS. Os valores da cocaína variam conforme o grau de pureza dela.



normalmente apresentava-se como moeda e não atingia o valor de mil reais (ROCHA, 2009; AMORIM, 2010a; AMORIM, 2010b; GAVA, 2010; WAGNER, 2010).

A quase inexistência de barreiras à entrada no mercado das “pedras” pode ser um fator relevante na precificação; afinal, o excesso de agentes no comércio dificulta a elevação dos preços. No entanto, essa formação de diversos pontos de venda com poucos integrantes, na maior parte, pouco organizados, aumenta a suscetibilidade desses traficantes à prisão. Todavia, cada vez mais contemporaneamente, o uso e a venda de drogas ilícitas, particularmente do crack, propiciam relações em que é impossibilitada a distinção clara da figura do usuário à do traficante. Nesse sentido, o consumidor que compra algumas doses a mais e repassa a outros amigos, com ou sem ganhos diretos, acaba se interligando à rede de comércio (FELTRAN, 2008⁴⁴ apud RUI, 2012).

2.2 Bens Substitutos e Bens Complementares ao Crack

Bens substitutos, segundo a Microeconomia tradicional, são produtos escolhidos pelo consumidor, com demanda inversamente proporcional. A elevação no preço ou redução da oferta de um determinado bem implica o aumento de outro. Ao contrário, bens complementares apresentam uma relação de demanda diretamente proporcional; ou seja, o aumento do consumo de um determinado produto acarreta imediatamente o aumento deste outro, que “complementa” o uso daquele (VARIAN, 2003).

No caso das drogas, é claramente percebida uma substituição na quantidade demandada pelo dependente químico. Esse fato é notado ao verificar que o consumo de determinados psicoativos aumenta, enquanto o de outros, reduz. Uma pesquisa realizada em Porto Alegre, em 2010, apontou uma variação inversa entre o uso de *crack* e de inalantes entre as crianças e os jovens em situação de rua⁴⁵. A Tabela 3 apresenta esses resultados.

⁴⁴ FELTRAN, Gabriel. *Fronteiras de Tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo*, IFCH/Unicamp. Tese de doutorado, 2008.

⁴⁵ Esse conceito refere-se ao jovem que destina algumas horas do seu dia nas ruas, em locais específicos, sem acompanhamento de algum responsável maior de idade, e que desenvolve atividades como “[...] trabalhar informalmente, brincar e perambular.” (NEIVA-SILVA, 2010, p. 5).

Tabela 3 - Frequência do consumo de *crack* e de solventes por jovens em situação de rua de Porto Alegre, em 2004, 2008 e 2010

Drogas	(1) 2004 (%)	(2) 2008 (%)	(2) 2010 (%)
<i>Crack</i>	8,3	1,6	54,1
Solventes	25,5	58,9	10,1

(1) Uso no último mês; (2) Uso diário.

Fonte: Neiva-Silva (2010). Elaboração própria.

Em 2004, dos jovens entrevistados que se encontravam em situação de rua, em Porto Alegre, apenas 8,3% havia fumado *crack* no último mês, enquanto 25,5% confirmaram o uso de inalantes. Em 2008, reduzindo a frequência pesquisada para o consumo diário, apenas 1,6% havia fumado pedra nas últimas 24 horas, e 58,9% haviam inalado algum tipo de solvente. Na pesquisa realizada dois anos depois, houve uma inversão na proporção das duas drogas, pois 54,1% afirmaram ter usado *crack* até um dia antes, e 10,1% confirmaram essa frequência de uso para inalantes. Nas palavras do coordenador da pesquisa, há uma “[...] tendência de substituição do uso de solventes pelo uso de *crack*.” (NEIVA-SILVA, 2010, p. 30).

Cabe ressaltar que, as pesquisas direcionadas às pessoas em situação de rua, não restringem o comportamento do consumidor a uma amostra ou grupo específico, visto que grande parte dos “pedreiros”⁴⁶ – salvo algumas exceções⁴⁷ - encontram-se nessas condições ou vão para as ruas para fumar a droga. A seção 3 deste trabalho aprofundará a semelhança no comportamento e no perfil destes consumidores.

Se o *crack* serviu como um bem substituto aos inalantes, na cidade de Porto Alegre, deve-se atentar aos possíveis bens que podem substituí-lo. O histórico das respostas que o mercado dá às políticas públicas de repressão induz à grande capacidade e agilidade de inovação desses produtos. Assim, não podendo prever novas drogas que poderão ser criadas, algumas já se mostram como possíveis bens substitutos: a merla e o oxi.

⁴⁶ Apelido destinado aos usuários de *crack*, pelos traficantes.

⁴⁷ Em pesquisa realizada em São Paulo, uma dependente química de *crack*, de 36 anos, relatou o serviço de *crack deliver*, explicando que telefonava e levavam a droga na casa dela (NAPPO; OLIVEIRA, 2008).

A merla é um psicotrópico muito semelhante ao *crack*, que também é fumado, mas é mais tóxico e mais simples de ser produzido. Ela é derivada da pedra, sendo considerada como o “lixo do *crack*”, pois é produzida com os restos não aproveitados desta (CEBRID, 2006).

A outra droga, que também inclui a cocaína como insumo, é o oxi. Fumada de modo semelhante ao *crack*, em cachimbos, apresenta o mesmo formato de pedra, mas com coloração mais escura, mais amarelada. Vindo da Bolívia e do Peru, o psicoativo já apareceu em quase todo o Brasil. Acredita-se que o oxi seja decorrente da falta de insumos como bicarbonato de sódio em determinadas regiões, cuja utilização de gasolina, de querosene ou de diesel participa da produção da nova “pedra”. Esse psicotrópico é um forte concorrente à substituição do *crack* especialmente pelo baixo preço, pois é comercializado por 2 reais, menos da metade do preço do *crack* (OXI, 2011).

Além da substituição característica no mercado de drogas ilícitas, “algumas drogas levam à utilização de outras como complementos das primeiras” (NAPPO; SANCHEZ, 2002, p. 428). Ao que tudo indica, o consumo do *crack* está diretamente associado ao de álcool, de cigarro e de maconha. A Tabela 4 compara a incidência do uso de drogas entre os jovens em situação de rua, em Porto Alegre, no ano de 2010:

Tabela 4 - Frequência do uso de drogas entre jovens em situação de rua, em Porto Alegre - 2010

Porto Alegre	Uso na vida (%)	Uso no ano (%)	Uso no mês (%)
<i>Crack</i>	72,5	64,7	53,9
Álcool	92,6	77,9	52,9
Cigarro	86,8	81,4	76,5
Maconha	80,9	66,2	58,3

Fonte: Neiva-Silva (2010). Elaboração própria.

Dos jovens entrevistados em situação de rua na capital gaúcha, 72,5%, já experimentaram o *crack*; 92,6%, bebidas alcoólicas; 86,8%, cigarro; e 80,9%, maconha. Do mesmo modo, 64,7% fumaram a “pedra” no último ano, 77,9%, 81,4% e 66,2% fizeram uso, respectivamente, de álcool, de cigarro e de maconha no mesmo período. O uso dessas drogas, nos últimos 30 dias, também se

apresentou como 53,9% para o *crack*, 52,9% para o álcool, 76,5% para o cigarro e 58,3% para a maconha. Em outras palavras, o quadro desses jovens em situação de rua na capital do estado é crítico, pois a frequência de consumo de *crack* superou ao do álcool.

A bebida alcoólica é comumente ingerida durante o fumo da “pedra” ou após ela, porque potencializa o efeito da droga ilícita. Outro potente complemento é o tabaco. Ele participa ativamente do consumo de *crack*, pois as cinzas do primeiro auxiliam da queima do segundo. Esse uso conjunto das duas drogas é melhor explicado por uma usuária: “[...] corta o isqueiro no meio e coloca um caninho de metal (na parte de baixo) e em cima o alumínio [...] fura o alumínio com uma agulha e em cima dos furos coloca as cinzas de cigarro e em cima delas, a pedra [...]” (Usuária de 18 anos, identificada pela inicial “D” apud NAPPO; OLIVEIRA, 2008, p. 216).

Além disso, após o fumo continuado da droga, ficam resíduos no cachimbo, que são removidos e reaproveitados pelos usuários. A permanência dessa “borra escura” provoca um efeito mais intenso que a própria “pedra”, conforme explica um usuário de 30 anos, identificado pela inicial P.: “[...] se a pedra é a cocaína ampliada 10 vezes, a borra é a pedra ampliada mais 10, entendeu?” (apud NAPPO; OLIVEIRA, 2008, p. 216).

Outra caracterização do uso associado de drogas é o de maconha com *crack*. A mistura dessas duas drogas é conhecida como “mesclado” ou “melado”. Essa forma é tida, pelos usuários, como um meio de reduzir os efeitos negativos da “pedra”, assim como a “fissura”⁴⁸ provocada por ela. Além disso, ao minimizar as alterações psíquicas, o mesclado não impede a continuação da rotina diária do usuário que, segundo algumas citações, vicia menos (NAPPO; OLIVEIRA, 2008). Para o dependente químico “J.”, de 30 anos, “[...] o efeito da pedra é instantâneo, dura 30 segundos e depois você já está alucinado, querendo mais (...) quando está com a maconha na cabeça, você relaxa e deixa pra depois [...]” (apud NAPPO; OLIVEIRA, 2008, p. 216).

⁴⁸ Fissura é a vontade incontrolável de sentir os efeitos de da droga. (NOTO et al., 2003)



Se, de um modo incisivo, a oferta influencia as escolhas do dependente químico, de outro, as preferências dele também. Diversos fatores sociais, econômicos e psicológicos coincidem no perfil do usuário e nas decisões dele. Portanto, associado à oferta, é necessário compreender as especificidades do consumo e da demanda desse mercado.

3 O CONSUMO E A DEMANDA DE CRACK

O consumo e a demanda de crack, inicialmente, caracterizavam-se por abranger a classe social mais pobre, o que levou o historiador Antonio Escotado a defini-la como “la cocaína del pobre” (ESCOHOTADO, 1995, 1996 e 2002). No entanto, como em uma “epidemia”, não há como imunizar determinado grupo social ou classe. Logo, a atual situação do consumo dessa droga não se restringe mais, exclusivamente, aos pobres.

Considerando a abrangência nacional, a demanda por drogas ilícitas cresceu, ainda que lentamente, entre os anos de 2001 e 2005. A droga ilícita mais utilizada no país ainda era a maconha até aquele ano, que elevou esse patamar em 1,9 p.p., ao longo desses quatro anos. Até 2005, a segunda mais utilizada, segundo o Levantamento Domiciliar do Cebrid, eram os solventes. Ainda que o uso, em 2001, tenha sido 5,8% e, em 2005, 6,1%, esse uso na vida cresceu apenas 0,3 p.p., indicando uma discreta elevação na demanda desses psicoativos. Nesse mesmo período, a cocaína apresentou o segundo maior crescimento com relação ao consumo (0,6 p.p.), que passou de 2,3%, em 2001, para 2,9%, em 2005. O crack, ainda consumido em proporção menor, apresentou um crescimento de 0,3 p.p. entre esses anos, o que é uma proporção bastante significativa ao considerar que o uso em 2001 era de 0,4% e, em 2005, passou 0,7% - quase o dobro. A Tabela 5 apresenta esses dados, bem como o de outras drogas para comparação.

Tabela 5 - Consumo de drogas ilícitas na vida, no último ano ou mês, no Brasil - 2001-2005

Drogas ilícitas	Uso na vida			(1) Uso no ano	(2) Uso no mês
	2001 (%)	2005 (%)	Var. p.p.	2005 (%)	2005 (%)
Maconha	6,9	8,8	1,9	2,6	1,9
Cocaína	2,3	2,9	0,6	0,7	0,4
Alucinógenos	0,6	1,1	0,5	0,3	0,2
Crack	0,4	0,7	0,3	0,1	0,1
Solventes	5,8	6,1	0,3	1,2	0,4
Merla	0,2	0,2	0,0	0,0	0,0
Heroína	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0
Opiáceos	1,4	1,3	-0,1	0,5	0,3
Qualquer droga ilícita ..	19,4	22,8	3,4	10,3	4,5

Fonte: Cebrid (2002 e 2006). Elaboração própria.

(1), (2) Dados não fornecidos no Levantamento Domiciliar de 2001.

Outro importante dado que pode ser obtido pelo Cebrid é quanto à percepção de demanda e de consumo de drogas no Brasil. A Tabela 6 mostra o percentual de entrevistados que viram pessoas procurando por traficantes para comprar psicoativos, pessoas que procuraram alguém para obter drogas ou pessoas que viram alguém sob efeito de dessas substâncias, no último mês:

Tabela 6 - Percepção, referente aos últimos 30 dias, das pessoas entrevistadas quanto à demanda e ao consumo de drogas na vizinhança, no Brasil - 2001-2005

Percepção de demanda por drogas	2001 (%)	2005 (%)	Var. p.p.
Pessoas que viram alguém procurando por traficantes de drogas	15	18,3	3,3
Pessoas que viram alguém sob efeito de drogas.....	33,6	36,9	3,3
Pessoas que procuraram alguém para obter drogas.....	1,4	1,9	0,5

Fonte: Cebrid (2002 e 2006). Elaboração própria.



Nas três situações, houve crescimento da percepção da demanda e do consumo de drogas no Brasil, entre os anos 2001 e 2005. O percentual de pessoas que viram alguém procurando por traficantes de drogas passou de 15 para 18,3, no período analisado. A mesma variação (3,3 p.p.) ocorreu para a percepção do consumo, isto é, de pessoas que viram alguém sob efeito de drogas no último mês, passando de 33,6%, em 2001, para 36,9%, em 2005. Quanto às pessoas que procuraram alguém para comprar entorpecentes, houve uma pequena variação, de 1,4% para 1,9%, entre os dois anos.

Outro dado analisado é o julgamento do risco do consumo de drogas. A maioria dos entrevistados considerou o consumo de cocaína e de crack com o maior risco, pelo qual 77,1% dos entrevistados no ano 2005 consideraram como risco grave consumir essas drogas uma ou duas vezes na vida. Para o consumo diário, esse indicador passou para 98,8%.

É nítida a diferenciação que é dada a determinados tipos de drogas. O crack é considerado uma droga de alto risco pela percepção dos entrevistados e, embora não se possa usar o julgamento individual como indicador decisivo de demanda e de oferta, ele serve como orientador das políticas públicas sobre drogas, pois possibilita interferir nos rumos desse comércio ilícito. Contudo, o estudo do perfil do consumidor de crack torna-se imprescindível ao foco das ações governamentais.

3.1 O perfil do usuário

Os principais estudos com usuários de *crack* apontam o perfil de um indivíduo de baixa renda, desempregado ou com emprego informal (que realiza “bicos”), de baixo nível educacional, solteiro, jovem e predominantemente masculino (NAPPO; SANCHEZ, 2002; NAPPO; OLIVEIRA, 2008). A maior parte dos usuários vive no contexto da rua, onde moram ou trabalham, o que facilita o uso de psicoativos (NOTO et al., 2003). Muitos deles conseguem manter o uso problemático através de atividades que envolvam guardar carros, pedir esmolas, assaltar, prostituir-se ou envolver-se com o próprio tráfico.

Além dos danos causados à saúde dos usuários, alterações psíquicas e comportamentais caracterizam o contexto social dos “*crackeiros*”. Não é à toa que



há um alto índice de suicídios e de homicídios na causa das mortes desses usuários, cuja expectativa de vida é reduzida não apenas pela toxicidade da droga no organismo, mas também pelas causas externas, que envolvem violência aos indivíduos dependentes (NAPPO; SANCHEZ, 2002; NAPPO; OLIVEIRA, 2008).

Como a violência é uma consequência diretamente associada ao *crack*, a maioria dos usuários apresenta passagem pela polícia. O roubo e o assalto são atividades exercidas mais por homens que por mulheres. Como afirmou um usuário identificado pelo inicial G, de 29 anos, ao ser indagado sobre trabalho, respondeu: “Eu trabalho sim, sou assaltante e traficante.” (apud NAPPO; SANCHEZ, 2002, p. 425). Já as mulheres, quando roubam, preferem fazê-lo dentro de casa, pois consideram arriscado assaltar desconhecidos e temem sofrer alguma reação da vítima.

Todo dia roubava para ter o *crack*. Cada dia fazia uma loucura pior que a outra para ter a droga, porque o *crack* é triste, quanto mais você tem mais você quer, mais você quer, mais você quer. Enquanto ele não acaba com você, enquanto sua consciência não volta, você não para. Eu não ía embora para casa e continuava usando sem parar. Eu roubava velho, mulher, menos homem que eu tinha medo. Além disso eu saía com outros caras para ter droga. Fazia programa e assim conseguia mais grana. Roubei tudo que eu tinha em casa desde tênis, roupa até televisão, videocassete. Cheguei a roubar cheque da minha mãe e falsificar. (Usuária identificada como CC, de 22 anos apud NAPPO et al., 2004, p. 50)

Embora a maioria dos usuários sejam homens, o crescente consumo entre mulheres é preocupante. Primeiramente, é importante salientar que grande parte do sexo feminino que começa a consumir a “pedra”, inicia por influência do parceiro (NAPPO et al., 2004). Em pesquisa realizada nos EUA, o pesquisador Philippe Bourgois (2003) afirma que 100% das mulheres entrevistadas se relacionavam com presidiários ou ex-presidiários e coloca a predominância da influência social, pois essas moças são criadas em bairros, cuja vizinhança desconhece qualquer morador que não conviva com presidiários ou indivíduos em situação de rua.



Outro ponto relevante é que o sexo feminino, de modo geral, apresenta um consumo mais intenso, pois as mulheres costumam utilizar doses mais altas e fumar com maior frequência, por apresentarem menor resistência à abstinência do que os homens (NAPPO et al., 2004). Essa fissura e dependência pelo *crack* insere um outro tipo de comércio, que participa do mercado da droga: o do sexo. Desse modo, muitas usuárias passam a se prostituir em troca de “pedra” ou de dinheiro para comprá-la. O desespero pelo psicoativo é tanto que as leva a situações arriscadas, pelas quais aceitam relações sexuais sem uso de preservativo, a preço de bagatela ou em posições que uma prostituta se negaria a fazer (NAPPO et al., 2004). O descuido pessoal típico do usuário aliado à prostituição contribui para a associação de doenças sexualmente transmissíveis como, por exemplo, a AIDS, aos consumidores de *crack* (NEIVA-SILVA, 2010). Conforme explica a usuária identificada como FD, de 27 anos:

Chega uma hora que acaba o dinheiro, eu olho prá um lado e pro outro e não tem nada. Saio prá rua. Se aparecer um programa, não importa a hora, eu vou. Já corri muito risco por causa disso. Uma vez cheguei num carro e disse ‘vamos pro hotel’ e o cara falou ‘só tenho 5 reais, vamos no carro mesmo, é só uma’... Montei no carro e ele me deixou sozinha às três horas da manhã prá lá de Uchôa (cidade próxima de Rio Preto) a pé. Cheguei em Uchôa só às 5 da manhã. Outro pôs um revólver na minha cabeça, outro me jogou prá fora do carro, ralei toda a perna. Às vezes é no quarto mesmo, o cara fala ‘eu pago até vinte, mas se eu ficar sem camisinha, não gosto de usar camisinha’, aí eu penso: ‘vinte são 4 pedras de 5 reais... vamo embora’. (FD27 apud NAPPO et al., 2004, p. 53)

Conforme retrata outra usuária identificada como ZS, de 21 anos: “[...] quando eu usava farinha, eu nunca fiz programa prá comprar a droga, só foi o *crack* mesmo.” (apud NAPPO et al., 2004, p. 55), essa troca sexual por droga é diretamente associada à “pedra”. Esses depoimentos estão inseridos numa pesquisa realizada pelo Cebrid, coordenada pela Solange Nappo, em 2004, que entrevistou 75 usuárias de *crack*. Da amostra, 23% tinham menos de 20 anos, 36% tinham entre 21 a 30 anos, 32% entre 31 a 40 anos e 9% tinham 41 anos ou mais; a maioria fumou *crack* pela primeira vez entre 16 a 20 anos, 77% apresentavam como nível de escolaridade o Ensino Fundamental concluído, 19%, Ensino Médio e



apenas 1%, Ensino Superior. Das usuárias, 91% não trabalhavam e conseguiam sustentar o uso problemático através de “bicos”, especialmente os serviços como “aviões” do tráfico ou com prostituição⁴⁹.

A maioria dessas mulheres tem filhos, alguns gerados pela prostituição, sendo que eles não são criados por elas. Esse fato é um importante agravante social, pois aumenta o número de crianças órfãs no país. Em Porto Alegre, por exemplo, estima-se que 70% das crianças que moram em abrigos são filhos de usuárias de *crack* (AZEVEDO; MAZUI, 2010). Além disso, muitas crianças já nascem dependentes da droga, sofrem pela abstinência e pelo abandono e desenvolvem-se com consequências pelo consumo materno durante o período de gestação, pois apresentam dificuldades de aprendizado e retardos na fala e na coordenação motora; sem considerar as que nascem com vírus HIV, herdado da mãe (RETRATO, 2011).

Além dos descuidos pessoais, a forma de uso da droga contribui para a disseminação de doenças. Como o principal instrumento utilizado como cachimbo é a “latinha de alumínio”, que serve como suporte à “pedra”, o aquecimento do metal provoca queimaduras e bolhas na região dos lábios e nos dedos dos usuários. Isso aumenta o risco de contágio de HIV, já que muitas usuárias trocam “pedras” preferencialmente por sexo oral, provocando o contágio dessas feridas com o sêmen (NAPPO; SANCHEZ, 2002).

Por fim, os traficantes têm visto no sexo feminino um mercado consumidor promissor, pois a mulher é melhor “pagadora” do que o homem (RETRATO, 2011). Se o homem depende do assalto, corre o risco de não conseguir dinheiro para pagar a dívida ou de ser preso, enquanto a mulher pode pagar o próprio consumo vendendo o corpo. Na cidade de Canoas, no RS, foram identificados narcotraficantes que exerciam a função de cafetão, agenciando programas para usuárias (AMORIM, 2010b). No entanto, a prostituição não é uma fonte de renda

⁴⁹ Um fator psicológico relevante é o descuido dessas mulheres, antes mesmo do consumo da pedra. Além de terem iniciado a vida sexual cedo – 80% antes dos 15 anos, 93% delas não usaram preservativo na primeira relação sexual. Todavia, antes de ingressarem ao mundo do *crack*, tiveram poucos parceiros sexuais (em média, 4), após, consideraram incontáveis (NAPPO et al., 2004).



exclusivamente feminina, pois foram identificados muitos jovens do sexo masculino que encontravam recursos através do sexo para o sustento do consumo de *crack*⁵⁰ (NEIVA-SILVA, 2010).

3.2 O Custo de Oportunidade, a Utilidade Marginal e (In)elasticidade-preço

Os principais estudos sobre a elasticidade-preço por drogas não revelam um consenso quanto à (in)elasticidade da demanda. Com relação ao *crack*, não há dados sobre estudos econômicos específicos. Além disso, o preço da pedra praticamente não sofreu variação nos últimos anos, mantendo-se a R\$ 5. Acredita-se, entretanto, que a redução do nível de “pureza” da droga venha se reduzindo, devido ao acréscimo de diversas substâncias à produção, para aumentar o rendimento e o lucro proporcionado por ela.

Considerando a veracidade dos relatos médicos, o usuário abusivo de *crack* não responde aos sinais do preço, mas atende a crescente necessidade do consumo, devido à dependência e à fissura inerente à droga. Para Nappo et al., a escolha do “[...] consumidor não é controlada pelo preço [...]. O poder aquisitivo do consumidor de *crack* não regula o mercado, ou seja, a demanda pelo *crack* nunca diminui, independentemente de o consumidor ter ou não meios para adquiri-lo.” (2004, p. 20).

Quanto à frequência do consumo, o estudo realizado com mulheres usuárias de *crack*, pelo Cebrid, apontou um uso diário em 93% das entrevistadas. A quantidade média consumida, por dia, é de 6 a 10 pedras; enquanto têm um gasto diário de 50 a 100 reais. Outra pesquisa realizada com jovens em situação de rua, em Porto Alegre, indicou um consumo médio diário de 15,8 pedras (NEIVA-SILVA, 2010). Todavia, o desvio-padrão dessa pesquisa é relativamente alto (23), o que induz a um comportamento não tão padronizado do consumidor de *crack*.

Entre os fatores que explicam o crescimento desse mercado, o alto custo de oportunidade é um dos mais argumentados. Como exemplo, comparando a cocaína à “pedra”, esta última se destaca por causar um efeito mais rápido e intenso com um custo muito menor. Um usuário de “pó”, que consumiria 1 grama de cocaína

⁵⁰ Dos jovens entrevistados em Porto Alegre que já haviam feito relações sexuais por dinheiro, 89,1% já utilizaram *crack* pelo menos uma vez na vida.

“escama”⁵¹, teria um efeito bem menor do que fumando 1 pedra de *crack* por R\$ 5, o que induziria a uma ideia inicial de que o *crack* proporciona um maior custo de oportunidade que a cocaína. No entanto, para Barletta: “O *crack* é dito por muitas pesquisas que é mais barato que a cocaína, porém não é o que foi constatado, pois comparando a utilização de ambas as drogas, o *crack* acaba mais rápido e o efeito, apesar de mais forte, é mais curto que o da cocaína.” (2009, p. 156).

Conforme indicam os estudos com dependentes químicos, o *crack* realmente pode ser considerado uma droga barata, com alto custo de oportunidade no curto prazo. Todavia, no longo prazo, ela se torna mais cara, pois há necessidades crescentes do consumo para satisfazer a fissura obtida no uso anterior. Em outras palavras, o alto efeito de dependência da droga pode aumentar a utilidade marginal dela, ou seja, o valor que o usuário dá para a 10ª pedra, por exemplo, é superior ao que ele deu à 9ª, que é superior ao que deu à 8ª, e assim sucessivamente.

Essa análise do mercado de *crack*, sob o ponto de vista da oferta e do consumo, permite compreender os lucros e as perdas relacionadas diretamente aos traficantes e aos consumidores da droga. Contudo, algumas características individuais e sociais atribuídas à droga precisam ser pesquisadas com mais seriedade sob olhar interdisciplinar, além de passarem por um filtro que as separe dos discursos políticos e ideológicos que tanto reproduzem a espetacularização do medo, do estigma e do rótulo das pessoas envolvidas nesse mercado.

Considerações finais

Dentre as principais conclusões relacionadas à produção e à oferta, concluiu-se que a cadeia produtiva do *crack* ocorre por etapas simples, o que permite a produção caseira, pois não exige tecnologias avançadas ou técnicas complexas, diferentemente da cadeia produtiva da cocaína. Por esse mesmo motivo, não existem quase barreiras à entrada nesse comércio. Assim, os agentes organizam-se numa estrutura de concorrência, destoando da tendência do crime organizado e do narcotráfico “clássico”, cujos modelos são definidos pelo monopólio ou pelo oligopólio. O aumento do número de vendedores da “pedra”

⁵¹ Escama é a cocaína da melhor qualidade, segundo o grau de pureza. Custa, em Porto Alegre, aproximadamente R\$25 (DENARC, 2011).



possibilitou uma transformação no varejo que, mais horizontal acarretou maior facilidade de detenção por policiais. Além disso, grande parte dos vendedores também são consumidores, o que descaracteriza a formação criminal padrão (que objetiva o lucro) e define a produção e a venda para a satisfação do próprio consumo, quase como uma subsistência. Os grandes ganhos e lucros gerados por esse mercado ainda estão associados ao início da cadeia produtiva do *crack* (que é a cadeia produtiva da pasta-base de cocaína). A oferta provou influenciar diretamente no consumo, através das tendências e das disponibilizações de drogas.

Quanto à demanda e ao consumo, notou-se que a pobreza e o baixo nível escolar estão diretamente associados aos consumidores. O comportamento de risco e as atividades geradoras de renda, pelos usuários, aumentam o custo social da droga, por elevarem o nível de violência e de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, além de impactarem nas relações sociais e na desestruturação familiar.

Também se pôde inferir que o custo de oportunidade do *crack* é superior ao da cocaína no curto prazo, mas inferior no longo prazo. A utilidade marginal da droga é crescente, contrariando a tendência da microeconomia clássica. Apesar de o consumo ser crescente e das propriedades químicas tornarem os usuários altamente dependentes, não foi possível identificar se há elasticidade com relação à variação do preço da “pedra”. Quanto aos bens substitutos, identificou-se que o *crack* substituiu o consumo dos solventes, entre os jovens em situação de rua. Quanto aos bens complementares, foram identificados o cigarro, a maconha e o álcool.

De modo geral, os artigos científicos, as notícias de jornais e a percepção do cidadão encontram no *crack* um problema social: do lado do usuário, a vítima, o dependente químico que sofre todos os efeitos nocivos no próprio corpo e mente, bem como na perda da vida social e familiar; de outro, o traficante, o ser rotulado e estigmatizado, que exerce uma função criminosa e um efeito de medo incrível na sociedade. Sobre isso, a mídia contribui, ao mesmo tempo para a distribuição de informação sobre esses males, mas também acentua o sensacionalismo e a transferência de culpa, de todas as mazelas sociais, a uma mercadoria – o *crack*.



Se o vício do dependente químico é a droga, o vício de praticamente toda a sociedade é o egoísmo, o imediatismo e a carência de valores morais. O sistema capitalista criado e organizado pelo homem determina a competitividade e o ritmo de vida que o impossibilita de pensar, de refletir, de ser; antes de trabalhar, de criticar, de ter. Pensar no *crack* é buscar a origem de uma realidade degradante, é se submeter a uma reflexão que incomoda e perturba, pois evidencia o pior lado humano. *Crack*, pense nisso!

Referências bibliográficas

AMORIM, Francisco. 388 presos em 24 horas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 40, 18 jun. 2010a.

_____. Quadrilha agenciava viciadas endividadas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 56, 17 dez. 2010b.

AZEVEDO, Gustavo. Por que o Rio aplaude a polícia. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 8, 28 nov. 2010.

AZEVEDO, Gustavo; MAZUI, Guilherme. 70% das crianças em abrigos são filhas de usuárias de crack. **Zero Hora**, Porto Alegre, 15 maio. 2010. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1§ion=Geral&newsID=a2905512.xml>>

BARBIERI, Leticia. *Crack* leva irmão a matar irmão. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 48, 25 jun. 2009.

BARLETTA, Cleuse Maria Brandão et ali. **Capacitação para Multiplicadores de Ações de Prevenção às Drogas**. Governo do Estado do Paraná. Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania. Coordenadoria Estadual Antidrogas. Curitiba, 2009.

BOURGOIS, Philippe. **In search of respect** - Selling *crack* in El Barrio. 2. ed. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2003.

Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID. **I Levantamento Domiciliar Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil**: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país: 2001. E. A. Carlini (supervisão) [et al.], --São Paulo. CEBRID – Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, 2002.

Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID. **II Levantamento Domiciliar Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil**: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país: 2005. E. A. Carlini (supervisão) [et al.], --São Paulo. CEBRID – Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, 2006.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE INVESTIGAÇÃO SOBRE NARCÓTICOS – DENARC. Divisão de Informações Criminais – DIC. **Dados referentes às apreensões de drogas e presos em 2008-2010** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por e-mail, em 17 maio 2011.

DOMANICO, Andréa. **Craqueiros e cracados: bem vindo ao mundo dos nóias!** Estudo sobre a implementação de estratégias de redução de danos para usuários de *crack* nos cinco projetos-piloto do Brasil. 2006. 220 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

DUPLA migra do roubo para o tráfico. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 38, 26 fev. 2011.

ESCOHOTADO, Antonio. **Historia General de Las Drogas**. 3. ed. rev. aum. Madri: Alianza, 1995. 3 v.

_____. **Historia Elemental de Las Drogas**. Barcelona: Anagrama, 1996.

_____. **Historia General de Las Drogas** – incluyendo El apêndice “Fenomenología de las Drogas”. 5. ed. Madrid: Espasa Calpe, 2002.

FERREIRA, Marielise. Por *crack*, bebê teria sido vendido por R\$ 50. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 35, 17 jan. 2011.

GAVA, Renato. Polícia flagra laboratório de *crack* em Montenegro. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 45, 14 ago. 2010.

GONZATTO, Marcelo. Fechada fábrica de droga. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 52, 24 out. 2009.

JACOBS, Bruce A. **Dealing Crack: the social world of streetcorner selling**. Estados Unidos: Northeastern University Press, 1999.

KOPP, Pierre. **A economia da droga**. Bauru, São Paulo, EDUSC, 1998.

LEITE, Marcos da Costa; ANDRADE, Arthur Guerra de. **Cocaína e Crack** – Dos Fundamentos ao Tratamento. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

LESCHER, Auro Danny. **Um caminho com volta**. São Paulo, 2010. Entrevista concedida a **Revista Época**, Edição Especial – O *Crack* tem solução, p. 12-13, Jan. 2011.

MARTINS, Cid. Operação tenta frear tráfico no Litoral Norte. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 39, 10 jan. 2011.

MÜZELL, Rodrigo. Uma incursão pela Vila Cruzeiro. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 4, 27 nov. 2010a.

_____. Polícia dá ultimato a traficantes. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 6, 28 nov. 2010b.

NAPPO, Solange A.; OLIVEIRA, Lúcio G. de. *Crack* na cidade de São Paulo: acessibilidade, estratégias de mercado e formas de uso. **Revista de Psiquiatria Clínica**. 2008; 35 (6): 212-8.

NAPPO, Solange A.; SANCHEZ, Zila V. D. M. Sequência de drogas consumidas por usuários de *crack* e fatores interferentes. **Rev. Saúde Pública**. 2002; 36(4): 420-30.

NAPPO, Solange A. et. al. **Comportamento de Risco de Mulheres Usuárias de Crack em Relação às DST/AIDs**. São Paulo. CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, 2004.

NEIVA-SILVA, Lucas (coordenador principal). **Estudo comportamental com crianças e adolescentes em situação de rua em Porto Alegre e Rio Grande:** uso de técnica de *Respondent Driven Sampling* (RDS) para a identificação de comportamentos sexuais de risco e uso de drogas. Versão Resumida. UFRGS. Porto Alegre, 2010.

NOTO, Ana Regina et al. **Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas entre Crianças e Adolescentes em Situação de Rua nas 27 Capitais Brasileiras – 2003.** São Paulo. SENAD - Secretaria Nacional Antidrogas /CEBRID - Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas, 2003.

OXI, nova droga que se espalha no Brasil. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p.17, 8 mai. 2011.

RETRATO em Branco e Preto. **Revista Época**, Edição Especial – O *Crack* tem solução, p. 7-11, jan. 2011.

RUI, Taniele C. **Corpos abjetos:** etnografia em cenários de uso e comércio de crack. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas.

ROCHA, Carolina. Moedas que alimentam o vício do *crack*. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 41, 25 nov. 2009.

TORRES, Eduardo. O alto juro imposto pelo *crack*. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 45, 1 fev. 2011.

VARIAN, Hal R. **Microeconomia.** 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

WAGNER, Carlos. Pequenos traficantes viram alvo da polícia. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 58, 29 jan. 2010.